

Nos meus grupos e nas minhas companhias, há amigos “aliados” do meu coração e dos seus desejos mais profundos?

Eu também encontrei, como os discípulos, uma Amizade cheia de uma promessa de vida?

Quem me acompanha, no dia a dia, para eu ter mais certeza do valor da minha vida?

«VIVO É ALGO PRESENTE»

Introdução - 1



Foto Luigi Ghirri, *Caserta*,
1987.
Da série *Un piede nell'Eden*.
© Eredi Luigi Ghirri.

Saudação

por Julián Carrón

Boa noite a todos!

Meu amigo Pe. Andrea me convidou para cumprimentá-los no início deste gesto e aceitei de bom grado. Enquanto pensava no que poderia dizer-lhes, veio-me à mente o que disseram alguns de vocês no encontro pelo Zoom que eu fiz há uma semana (26 de março) com alguns formandos. Fiquei impressionado com o drama da existência que vibrava neles: um me disse que estava vendo sua vida desvanecer, outro disse que o entusiasmo inicial se apagava fazia um tempo, outro ressaltou como estava apático e como nada o atraía, e outro ainda perguntou como poderia aproveitar as coisas da vida. A esse “apagamento” da vida, a essa apatia, a essa falta de entusiasmo só é possível responder com a vida. Nenhuma espécie de raciocínio e nenhuma regra são capazes de dar uma resposta adequada! »

* A Saudação de Julián Carrón e a Introdução de Andrea Mencarelli no Tríduo Pascal dos Colegiais durante a Quinta-feira Santa (1 de abril de 2021).

» Logo pensei em João e André, os dois primeiros que seguiram Jesus. Eles também, em algum momento, devem ter visto a vida apagar-se, devem ter sentido uma apatia ou uma falta de entusiasmo. Mas, assim que viram Alguém em quem a vida explodia, logo se ligaram a Ele! Foi fácil reconhecê-Lo; o cristianismo é fácil, pois responde a uma falta que percebemos em nós, a algo ao qual nossas tentativas são incapazes de responder. É fácil identificar a vida quando nos falta a vida mesma! Não precisamos frequentar um curso em alguma universidade do mundo, pois todos temos o detector para identificar a vida onde ela está!

Mas alguém poderia pensar: «João e André tiveram sorte... e nós? Continua acontecendo, permanece na história aquela vida que encontraram, pela qual se ligaram a Jesus?» Sim! A mim aconteceu encontrar um homem em quem encontrei o mesmo ímpeto de vida! Chamava-se Dom Giussani: assim que a gente o ouvia falar, ficava tão atraída quanto João e André ficaram. Eu também, como João e André, senti-me ligado a ele, a ponto de desejar não perdê-lo mais, não deixá-lo escapar pelo resto da vida.

É esta vida, que recebemos, que nos faz viver.

Por isso convido vocês a prestar atenção – como fizeram João e André –. Vocês não precisam de uma preparação específica; basta simplesmente estarem atentos para identificar a vida, onde quer que se manifeste, assim que se mostrar aos seus olhos. É fácil reconhecer isso: são suficientes o palpitar do coração que é provocado e o desejo de não perdê-lo. Talvez nestes dias mesmos – se estiverem atentos –, em algum momento deste encontro, vocês possam surpreender em si mesmos esse palpitar, da maneira imprevista com que tantos de vocês já o identificaram em outros momentos (esta noite vocês estão aqui graças a isso).

Eu não desejo mais, para que a vida de vocês se realize, a não ser que vocês possam encontrar uma resposta ao apagar-se da vida. Desejo que encontrem alguém que os faça sentir o palpitar diante daquilo que Jesus introduziu na história. Começemos todos juntos a pedir isso desde agora. Com este canto inicial, peçamos ao Espírito que possamos identificá-lo.

Oh! vinde, Espírito Criador¹

«Eu vos chamo amigos» (Jo 15,15)

por **Andrea Mencarelli**

Sejam todos bem-vindos! Principalmente quem decidiu participar pela primeira vez do Tríduo dos Colegiais sem saber bem de que se trata e fazendo-o desta forma desconhecida. Fiquem tranquilos, pois ninguém estava preparado, e nesse sentido todos nós somos “marinheiros de primeira viagem”! Desta forma, esta noite e nos próximos dias vamos ver se aproveitamos bem. Estamos todos no mesmo barco, então ajudemo-nos a remar juntos e, sobretudo, deixemos que o mar nos carregue. Coragem!

1. Houston, we have a problem!

No ano passado, nestes meses acreditávamos estar num período que dali a pouco acabaria, permitindo-nos assim retomar a nossa vida de sempre e voltar a «fazer tudo o que não podíamos», como cantava Alessandra Amoroso no verão. Só que ainda estamos num tempo cheio de desafios – como Julián nos lembrou agora há pouco na sua saudação –, de sacrifícios e de descobertas, um tempo de homens. »

¹ CNBB, J. Schweitzer, “Oh! Vinde, Espírito Criador”, in *Cantos*, op. cit., p. 113.

» Houve um fato nestas semanas que me marcou muito, que não tem a ver com a pandemia. No último 19 de fevereiro, o rover *Perseverance* pousou em Marte (não sei se ficaram sabendo, mas isso também aconteceu!). As primeiras imagens, no mínimo emocionantes, mostraram uma paisagem impressionante. Vejamos juntos esse vídeo curto.²

As imagens – incríveis! – revelam um terreno rochoso, com sulcos cavados no terreno que, de acordo com os cientistas, poderiam ser sinais da presença de água líquida há alguns milhões de anos. São notícias interessantes para os interessados na área e certamente sugestivas também para nós, sempre desejosos de descobrir coisas novas. Porém, se parássemos por mais um instante e nos perguntássemos o que há em Marte hoje (não há milhões de anos, mas hoje), facilmente responderíamos: um grande deserto.

Para sermos sinceros, não precisamos percorrer 470 milhões de quilômetros, como fez o *rover*, para encontrar um grande deserto, pois de fato podemos ficar na Terra, confortavelmente deitados no sofá ou sentados na frente de uma tela para uma aula on-line, como aconteceu com todos nós neste último ano, para experimentarmos essa solidão típica de quem está diante de um deserto.

Mas que sentido tem o deserto? Que sentido tem a solidão? Que sentido tem a minha vida? São perguntas que reapareceram inúmeras vezes. Um aluno meu muito simpático me disse um dia na chamada: «De manhã eu acordo e vejo meu cachorro dormindo tranquilo: come, dorme, sai para passear. Sem problemas. Professor, eu invejo meu cachorro». Carrón nos desafiou sobre estes temas quando, no Dia de Início de Ano dos Colegiais, perguntou: «Não teria sido mais simples nascer como um dos muitos seres que se movem segundo leis fixas? Ou como aqueles seres vivos que não compreendem e não têm de “resolver” o enigma da vida?»³ Procurar água no deserto não é só uma questão de Marte, uma coisa para quem é da área, mas é um problema que toca a todos nós e à nossa urgência de viver como homens e não como animais, na fase vermelha, num quarto, fechados por causa de uma quarentena, ou diante da terrível notícia de uma amiga que tirou a própria vida. Tudo de nós, nosso corpo, nossa razão e nosso coração, sente vibrar a concretude desses questionamentos. «Certas perguntas constituem-nos como homens. Por isso, bem-vindos ao mundo dos homens, dos homens conscientes de si!»⁴ disse ainda Carrón.

Então o primeiro chamado que temos de nos fazer esta noite é a uma lealdade para com nós mesmos. Não tenham se preocupem em serem diferentes do que são, não eliminem nenhuma das perguntas que se agitam no seu coração. Vejam bem, não porque tudo seja bom e fácil, pois determinadas perguntas pesam dentro de nós como um jugo, mas para nos levarmos a sério, até o fundo, que é também a única condição para vivermos estes dias realmente como uma oportunidade, para aproveitarmos sem nos contentar com um sentimento tépido ou com a repetição de cerimônias vazias. É mais ou menos como quando você vai ao dentista: a princípio, vai ao dentista porque sente dor no dente. Se fosse lá fingindo estar bem ou para agradar o dentista, seria um tolo. Por isso, tenhamos esta noite um momento de ternura por nós mesmos! Levemo-nos a sério e perguntemo-nos como estamos. Talvez este seja um pequeno passo para a humanidade, mas com certeza é um grande passo para o caminho pessoal de cada um de nós.

Uma de vocês escreveu numa contribuição: «De fevereiro em diante eu me perdi completamente. A escola, metade à distância e metade presencial, os professores que nos sobrecarregam de atividades, de tarefas em aula, os relacionamentos de amizade que parecem ter-se »

² [Perseverance sees Jezero Crater rim in 360° Mars panorama.](#)

³ J. Carrón, *Vê-se só o que se admira*, Nota do Dia de Início de Ano dos Colegiais com Julián Carrón e Francesco Barberis, por videoconferência, 10 de outubro de 2020, p. 6, [clonline.org](#)

⁴ *Ibidem*.

» apagado: na minha cabeça só há muita confusão. Não tenho a noção do tempo, sinto-me como “vítima” do tempo».

Outra contou: «Sou apenas uma máquina. Recebo instruções e as executo. Perdi minha identidade e dignidade. Sou igual aos demais: faço as mesmas coisas que eles fazem. Eu tenho as mesmas obrigações deles, então ajo exatamente como eles. Sou só parte de uma massa. E tenho medo. Medo de que ninguém me reconheça mais. Medo de não conseguir reconhecer-me na frente do espelho. Nos meandros da minha massa cinzenta ressoam as ordens “faça sozinha”, “revise”, “precisa estar preparada”, “segure as lágrimas, você tem que se mostrar forte”, “não há tempo para a fragilidade”. São as minhas vozes. Meus pensamentos não servem para nada. Melhor não pensar nisso, aliás, melhor nem pensar».

Nos testemunhos dessas nossas amigas encontra eco o gênio literário de alguns grandes autores que souberam captar bem o drama humano comum.

Numa obra sua, Paul Claudel escreve: «Como estou sozinha aqui! Meu bom Deus, como estou sozinha aqui e como me sinto estrangeira! Tudo ao meu redor me é hostil, e não há lugar para mim. Até as coisas ao meu redor parece não me verem, parece que não estou aqui... A realidade está ausente, a vida verdadeira está ausente».⁵

E assim, por sua vez, o prêmio Nobel Pär Lagerkvist: «É um período triste e opressor. Com pesar o dia arrasta-se até finalmente chegar a noite».⁶ Quem de nós não “sentiu” a opressão de alguns dias que pareciam como que vazios, de modo que ir para a cama à noite parecia quase uma libertação? Depois, porém, precisava acordar. Edgar Allan Poe descreve assim: «Não abria ainda os olhos. [...] Desejava, mas não me atrevia a fazer uso dos olhos. Receava o primeiro olhar sobre as coisas que me cercavam. Não que me aterrorizasse contemplar coisas terríveis, mas tinha medo de que não houvesse *nada* para ver».⁷ Ausência e solidão, à nossa volta e dentro de nós, em Marte ou na Terra: para usar a expressão dos astronautas num filme famoso, poderíamos dizer: «Houston, temos um problema!» Porque confusão, apatia, medo e incerteza (como contaram essas nossas amigas) são elementos que todos nós surpreendemos na vida destes meses. Pensemos também nas perguntas insistentes (as perguntas que aquela garota ouvia repetir na cabeça), as perguntas que nos foram marteladas diariamente pelos telejornais, pelas conversas e pelas assembleias na escola: o quanto subiram os contágios? as vacinas funcionam? vamos reabrir as escolas? e o programa escolar? e as provas? e a carteira de motorista?

Contudo, ser leal consigo mesmo não significa somente denunciar um forte estado de espírito, que até pode ser um ponto de partida, o mais fácil de todos. Significa mais entrar em profundidade na própria experiência, sem permanecer nos sintomas da superfície. Você vai ao dentista porque tem dor de dente, aí você se senta e ele tenta entender, manda abrir a boca, pega o tubo, liga o jato de ar para ver se você reage, até que num dado momento diz: «Achei o problema, você tem uma cárie!»

Neste ano, cada um de nós foi atrás da água no deserto, de alguém ou de algo que o ajudasse a responder à “dor de dente”. Como um de vocês perguntou: «Como posso abrir os olhos mesmo nesta situação? Quem me apoia?»

Vamos ouvir agora uma música:

Million reasons

«Eu me curvo para rezar / Tento fazer o pior parecer melhor / Senhor, mostra-me o caminho / Tenho cem milhões de motivos para ir embora / Mas só preciso de um bom motivo para »

⁵ P. Claudel, *Il pane duro*, Milão: Massimo, 1971, p. 102.

⁶ P. Lagerkvist, *Il nano*, Milão: Iperborea, 1998, p. 111.

⁷ E.A. Poe, *O poço e o pêndulo*, <https://www.raquelcantarelli.com.br/post/o-poco-e-o-pendulo>.

» ficar.»⁸ Nós também temos milhões de motivos, teríamos milhões de motivos para nos deixar levar e para expressar toda a nossa dificuldade (como, aliás, sempre fazemos), temos muitos motivos para estar cansados e bravos. Mas temos de nos perguntar (justamente por esse amor a nós mesmos) qual é o motivo que nos reúne aqui esta noite. Porque há um! Ou ao menos um pedacinho de um deve haver: «*Just a little bit's enough*», dizia Pink em outra canção muito bonita, que poderia dialogar com a de Lady Gaga.⁹ De fato, este ano não viemos ao Tríduo de sempre, no formato que todos nós (principalmente os mais velhos) conhecemos: não estamos no pavilhão de Rímini, depois de uma viagem fraterna de ônibus, não passamos nossa última hora “tocando aqui” para cumprimentar os amigos nos hotéis; não invadimos as ruas de Rímini. Enfim, não há nada que esta noite nos tenha levado automaticamente a nos reunir aqui. Muito pelo contrário: cada um na própria casa, na frente da enésima tela. Nada mais além do próprio “eu”. E isso valerá para os três dias, pois não haverá ninguém mais que possa obrigá-los a fazer nada, como neste instante: enquanto eu estou falando, qualquer um de vocês pode fazer outra coisa, pode fazer um *story* novo no Instagram, pode assistir a uma série, pode entrar na internet e ver todos os *sites* que quiser. Não há ninguém para dizer: «Preste atenção» ou «Ligue a câmera», como fazem os seus professores. Por esse motivo mesmo, a pergunta se faz ainda mais radical do que seria se estivéssemos reunidos presencialmente: qual motivo fez com que você se conectasse esta noite e, com você, tantos outros amigos?

2. «Eu vos escolhi do mundo» (Jo 15,19)

Para responder a essa pergunta, não é preciso inventar respostas sofisticadas. É só olhar com atenção para o próprio caminho, como sugeriria Alexis Carrel: «Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade».¹⁰

Uma jovem escreveu contando que convidou seus colegas de classe para encontrarem um jovem amigo dela gravemente doente. Diante dele, que está enfrentando essa situação com esperança e sem se deixar abater, esses companheiros (de CL e não só) dispararam uma saraivada de perguntas. Um perguntou: «Como é que você sozinho encontra um sentido? Por que é grato, apesar de tudo, apesar da doença? Como faz para não se irritar com Deus?» Mas outras perguntas mais pessoais também ganharam espaço: «O que preenche o *meu* coração?» Desse encontro nasceu uma relação nova entre esses rapazes: «Hoje – continua a garota – aconteceu algo grande. Hoje encontrei de novo todos eles como se tivesse sido a primeira vez, mas também como se os conhecesse desde sempre. Eu nunca fui assim com uma colega da minha classe – que conheço desde o maternal – como depois destas últimas semanas. E ela, às lágrimas, hoje me agradece, porque esse encontro não é de uma hora, mas é um encontro da vida!» E conclui: «O ano passado, a quarentena, foi a virada da minha vida. Tudo o que acontece a cada instante me parece um milagre. Não significa que tudo seja fácil e bom, mas que tudo o que é posto aí é para mim». Onde tudo parecia árido, como a doença, ou óbvio (os colegas de classe desde os cinco anos ou até desde o maternal), ocorre algo que regenera o tecido dessas relações!

Só por todas as grandes perguntas que apareceram e pelos muitos fatos que vocês contaram – chegou uma avalanche de fatos como estes; chegaram inúmeras contribuições e muitas delas relatavam fatos inesperados, imprevisíveis e gratuitos, que deram um novo pontapé ao cami- »

⁸ «*I bow down to pray / I try to make the worst seem better / Lord, show me the way / To cut through all his worn out leather / I've got a hundred million reasons to walk away / But, baby, I just need one good one to stay*» (Lady Gaga, “Million Reasons”, do álbum *Joanne*, Interscope Records, 2016)

⁹ Pink e Jeff Bhasker, “Just Give Me a Reason”, do álbum *The Truth About Love*, RCA Records, 2012.

¹⁰ Cf. A. Carrel, *O homem perante a vida*, Porto: Educação Nacional, 1959, p. 33.

» nho de muitos –, só por isso já podemos ter certeza de que este não foi um ano desperdiçado na nossa vida! E desafiem a quem insiste em lhes dizer o oposto, dizendo que é um parêntese; não, não é verdade!! Como disse o filósofo Emanuele Severino, «o olhar que vê o deserto crescer não pertence ao deserto. Está “do outro lado”». ¹¹ Há algo que vibra em nós, embora muito confusamente, e é por causa dessa vibração que eu e você, mesmo à distância, mesmo nunca nos tendo encontrado antes, estamos juntos esta noite como amigos em caminho.

Uma vibração, uma inquietude do coração, um rosto amigo foram o motivo por que em outra noite, dois mil anos atrás, os discípulos também tomaram parte naquela ceia, a última, com Jesus. Estavam lá com Ele não para preencher uma noite vazia, para matar o tempo, mas para não perderem o fio de uma amizade que atravessara a vida deles e os reunira apesar das diferenças que tinham.

Com efeito, havia um elemento que ligava a vida de Pedro, João, Tomé, Judas, mesmo na diferença de seus temperamentos: ninguém produzira aquele encontro, ninguém criara aquela amizade, mas todos foram de algum modo alcançados por Jesus: a ordem dos fatores se inverte e, neste caso, altera o produto. De fato, Ele lhes dizia: «Eu vos escolhi do mundo». “Escolher” quer dizer “eleger”, “preferir”. Como se Jesus lhes tivesse lembrado: «Eu vos peguei onde estáveis, no vosso deserto, no vosso barco, em cima da figueira, são, doentes, irritados, pecadores... tudo isso não foi objeção para que eu vos preferisse como “meus amigos”, gratuitamente». Então, se eu e você estamos aqui, conectados no sigilo do nosso quarto, é porque ao menos uma vez sentimos na própria pele a experiência de termos sido amados por alguém gratuitamente. Não por termos demonstrado algo e não por termos alcançado mil seguidores ou dez mil inscritos no nosso canal do Tik-tok, mas gratuita e inesperadamente.

Para cada um dos discípulos, o encontro com Jesus teve o efeito imediato de um verdadeiro e próprio renascimento, pois «o eu renasce num encontro». Um renascimento que se expressava numa unidade nova com eles mesmos e com a realidade: não mais um eu solitário e fragmentado em mil pedaços, como nos acontece diariamente (a escola, a família, os amigos, os amigos dos Colegiais, os outros amigos, a carteira de motorista), mas um eu unido, presente, criativo, protagonista das próprias escolhas, incluídos os próprios erros.

Dentro desse renascimento dos discípulos, havia sobretudo uma alegria profunda. De fato, nada nos move e nos faz sentir a realidade “amiga” como quando temos o coração em festa. Como quando a menina que você paquerou por meses no fim lhe diz “sim”, quase que “exausta” com a sua paquera, e você não cabe mais em si e então volta para casa saltitando, e sua mãe o vê e lhe pergunta: «Você está bem?», e você responde: «Estou, sim, mãe, claro que estou bem, que pergunta!» E até tira a mesa depois do jantar e lava a louça, e seus pais ficam impactados, porque pediram, ameaçaram, pagaram para você fazer alguma coisa, pegar um copo, lavar o copo ou a xícara de café em vez de deixá-la na pia, e você nunca fez nada. Aí uma noite você chega e faz tudo, tudo e cem vezes mais, sorridente, com o coração feliz!

Esse encontro, neles (nos discípulos) e em nós, semeou uma alegria inesperada, como o início de algo novo. Algo que todos nós queríamos que pudesse crescer e tornar-se cada vez mais nosso.

Por isso, cantemos juntos “Il seme”. ¹²

Il seme

3. «Permaneço em mim» (Jo 15,4)

Como é que a semente cresce? Como é que essa alegria do início faz para tornar-se cada »

¹¹ Cf. E. Severino, *Techmé. Le radici della violenza*, Milão: Rusconi, 1979.

¹² C. Chieffo, “Il seme”, in *Cantos*, op. cit., p. 336.

» vez mais estavelmente presente e cada vez mais plena em nós? «Para que a vossa alegria seja completa, permaneço em mim», disse Jesus a seus amigos.

Não que os discípulos tivessem entendido todas as suas palavras, como também nós não entendemos logo todas as palavras, como com as fichas dos Colegiais consideradas “difíceis”, mas isso acontece sempre (não entender tudo imediatamente). De vez em quando os discípulos também devem ter ficado repetindo as palavras que Ele dissera, mesmo sem terem apreendido o significado profundo delas. E as repetiam porque eram as palavras de Jesus. Numa relação, é normal repetir. De certa forma, é como quando éramos crianças e aprendemos a dizer palavras: não é que estávamos a par do significado exato do que estávamos dizendo, mas os repetíamos porque um amigo mais velho os dizia. Nós vivemos tentando tornar nossas as coisas que vemos nos nossos amigos. Mas, se isso vale para as besteiras, como no exemplo dos palavras, quanto mais não vale para as coisas que prometem vida, que são como a água no nosso deserto, como era escutar as palavras de Jesus para seus discípulos.

Há um episódio famosíssimo em que Jesus, depois de ter multiplicado os pães e os peixes e ter saciado milhares de pessoas, vendo que todos acorriam a Ele para comer, disse-lhes: «Eu vos darei de comer a minha carne e de beber o meu sangue». As pessoas não entenderam, não entenderam nada (era uma “ficha” extremamente difícil!) e muitos decidiram ir-se embora, confusos e desiludidos, cada um nos próprios passos de volta para casa, para o porto seguro. Como muitas vezes acontece também conosco, que vamos atrás de uma coisa que nos atrai demais e depois a largamos assim que o entusiasmo evapora ou domina uma dificuldade ou uma contradição (quantas coisas não começamos e largamos no primeiro obstáculo...). Jesus, vendo essa “fuga”, volta-se a seus amigos mais próximos, os discípulos, e lhes pergunta: «Vós também quereis ir embora?». Então Pedro respondeu: «A quem mais poderíamos ir? Só tu nos explicas a vida como realmente é, só tu entendes a vida até o fundo». Veem? Não é que Pedro tivesse passado antes no exame de Medicina para depois conseguir responder com inteligência à pergunta que Jesus lhe fizera. Provavelmente Pedro também, como os outros que foram embora, não tinha entendido o significado daquelas palavras: «A minha carne e o meu sangue». Mas permanecer com Cristo foi fácil. Porque a vida – neste caso aquela vida “especial” que é o cristianismo – é uma coisa fácil e não vive de raciocínios elaborados reservados apenas a alguns: encontrar a diferença entre a água e o deserto é facilíssimo. É uma coisa para reconhecer, antes ainda que para entender. Os discípulos viam que aquele relacionamento triunfava sobre todos os outros relacionamentos que compunham a vida deles. Com efeito, os discípulos também tinham vínculos e relações com muitas outras pessoas fora do círculo dos doze (porque eram pessoas normais!), colegas, outros pescadores, vizinhos, os paroquianos do Templo, as pessoas da rua, da praça, o chato que encontravam na esquina toda manhã, os pais dos amigos dos filhos deles, muitíssimas relações, mas o vínculo com Cristo era para eles algo em que havia alguma coisa diferente, que acendera no coração deles uma esperança de vida irreplicável por mãos humanas, inencontrável em qualquer outro lugar. Como descreve Bernanos: «O olhar divino pousou sobre nós, tão parado e terno: então, neste invólucro de instintos, de hábitos adquiridos ou herdados, na carne e no sangue, algo se despertou e se moveu de uma vez por todas».¹³

Assim, aquela noite, os discípulos chegaram àquela casa chamada “cenáculo” para jantar com Ele. Não devemos imaginar soldadinhos chegando em fila para um megaevento, com um tapete vermelho reservado aos “vips”. Os discípulos foram tais como eram; chegaram ao cenáculo porque iam até Jesus, porque faziam uma noite entre amigos, como se você fosse à casa de uma amiga com roupa de ginástica, à noite para fumar um cigarro, pois o contexto é familiar, pois você sabe quem é amigo e que não precisa levar armas em punho, mas vai »

¹³ Cf. P. Macchi, *Bernanos e il volto del male*, Bolonha: Ponte Nuovo, 1996, p. 30.

» tal como é, desarmado. Os discípulos foram, cada um com os próprios pensamentos, com os próprios sentimentos, com suas perguntas. Havia quem quisesse perguntar algo a Jesus, quem quisesse ser notado por Ele, outros que queriam simplesmente passar uma noite de festa juntos, pois a Páscoa estava próxima. Todos queriam estar com Ele, porque Ele, para eles, era como uma casa, um “lar”, como aprendemos na Escola de Comunidade. Entre eles também estava Judas, que naquela noite chegou irritado e tendo decidido no coração livrar-se de Jesus.

Nessa noite, Jesus, como costumava fazer, falou da vida, perguntou, escutou, falou dos problemas do mundo, falou de Deus. Desta vez, porém, usou tons fortes, como se soubesse que alguma coisa importante estava para acontecer. Sabe quando alguém fala e conseguimos ver na sua cara que por dentro tem algo que o perturba, que não o deixa tranquilo? A certa altura, Jesus fez também um gesto estranho, passando por entre os discípulos e lavando-lhes os pés, comportando-se como se fosse um criado. Eles ficaram transtornados. «O que é que está fazendo?», pensou Pedro, amigo fidelíssimo, pronto para se alinhar a Jesus na vida e na morte. Porque diante de um amigo nós queremos mostrar que “valemos”, que Ele pode contar conosco 100%. Mas Jesus diria mais tarde aos discípulos: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos».¹⁴

Assim que acabou esse momento, Ele retomou a palavra mencionando que iria embora, mas depois retornaria. Enfim, pediu-lhes que permanecessem com Ele; a única coisa que Jesus pediu não foram comprovações heroicas, mas: «Permaneça comigo, permaneça em mim». Talvez aqui os discípulos também tenham apenas intuído alguma coisa vagamente, mas uma coisa estava clara: permaneceriam com Ele, como era óbvio que fosse, naquela noite e no dia seguinte. Não podiam imaginar diferente; não podiam pensar numa vida sem Ele! Para nós, é incrível reparar na diferença, naquele momento, entre a consciência dos discípulos, ainda pequena, ainda uma semente (eles quase acostumados à presença daquele amigo excepcional) e a de Jesus, que sabia que tudo estava prestes a cumprir-se com a sua morte. «Dar a vida pelos próprios amigos» não era só uma bela ideia, heroica, um grande ideal, mas era algo que estava para tornar-se um fato real na pele de Jesus. Para quê? Para que a felicidade plena que eles viviam estando com Ele, que eles tinham começado a viver estando com Ele, pertencendo a Ele, se tornasse definitiva e indelével, independentemente do que acontecesse na vida deles, até uma pandemia.

A nós também o Senhor fez e faz uma promessa de felicidade. Não só palavras bonitas, mas uma experiência presente, algo que passa pela materialidade das coisas. Vivamos, pois, juntos, estes dias com atenção, pedindo para estarmos presentes a nós mesmos, e com simplicidade. Não nos preocupemos se nos distrairmos, mas surpreendamo-nos se acontecer algo – como Carrón antes nos lembrou – que nós não produzimos, que não é o resultado do nosso esforço, mas que é como uma coisa nova que nos vem retomar, batendo à porta do nosso coração.

Busquemos, nós também, expressar humildemente o nosso desejo com o canto.

*Qui presso a te*¹⁵

¹⁴ Jo 15,13.

¹⁵ “Qui presso a te”, in *Cantos*, op. cit., pp. 356.